

A REPRESENTAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DE APOIO NO CONTEXTO DA AIDS

INGRID ARAGONEZ ¹, FRANCISCO ARSELI KERN²

RESUMO

O presente Artigo constitui-se numa síntese parcial de relatório de pesquisa desenvolvido junto a usuários soropositivos e/ou doentes de AIDS que recebem atendimento das instituições de apoio em sua especificidade, as do Município de Canoas no período de 2003. Compõe-se da descrição do perfil sócio econômico dos participantes e algumas reflexões parciais sobre a representação das redes de apoio que atuam junto a temática da Aids.

Palavras-chave: AIDS, redes, recursos sociais, vida, condição humana.

ABSTRACT

The present article is a partial synthesis of the research report developed with SIDA ill persons, who receives services in the base institutions in Canoas city in the period of 2003. The description of social and economic profiles and a partial reflections from the base nets representations, that works with the tematic of SIDA, composes this article.

Key Words: SIDA, net, social resources, life, human condition.

¹ Acadêmica do Curso de Serviço Social – Bolsista PROICT/ ULBRA

² Professor – Orientador do Curso de Serviço Social/ ULBRA e da Faculdade de Serviço Social/ PUCRS (FKern2000@aol.com)

INTRODUÇÃO

Discutir o avanço cronológico da AIDS é uma questão inesgotável, principalmente quando relacionada às questões sociais, econômicas e políticas. O tratamento ainda surte resultados positivos, que mesmo sendo indiscutíveis e impactantes, faz-se necessário achar alternativas para que o mesmo possa chegar a todos como uma condição de direitos e cidadania. Mesmo porque a vacina da cura continua sendo o objetivo maior, havendo perspectivas de que em um prazo de cinco a dez anos a mesma possa ser descoberta e desenvolvida. Falar sobre a potencialização das redes sociais, acima de tudo, é partir da premissa de que a vida é um direito incondicional de todos. Potencializar teias e redes é construir fundamentos para que a vida tenha a sua continuidade, mesmo que ameaçada sob todos os aspectos.

Neste sentido, a natureza da pesquisa sobre a potencialização das redes sociais de apoio relacionadas ao contexto da AIDS, teve como problemática desencadeadora o questionamento de como os usuários soropositivos e/ou doentes de AIDS percebem a prestação de serviços das instâncias sociais de apoio enquanto fonte e potencialização de recursos sociais voltados ao fortalecimento humano social e a garantia do acesso aos direitos sociais na viabilidade do exercício da cidadania.

O objetivo do estudo foi de desenvolver uma investigação sobre a percepção dos usuários soropositivos e/ou doentes de AIDS de serviços públicos quanto: o entendimento dos mesmos com relação aos serviços prestados relacionados à área da AIDS; a contribuição das políticas sociais públicas na direção ao acesso às mesmas e ao exercício da cidadania; a potencialização dos recursos enquanto

articulação e construção de uma rede social de apoio; o respaldo e referência institucional no tratamento e acompanhamento a pessoas soropositivas e/ou doentes de AIDS.

CONHECENDO OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

No total, 20 participantes soropositivos e/ou doentes de Aids contribuíram com o presente estudo. Entre estes, sete são do sexo masculino e treze do sexo feminino. No processo de análise, percebe-se que do total de participantes, cinco participantes cursaram da 1ª a 4ª série; onze participantes cursaram da 5ª a 8ª série. Apenas três participantes concluíram o 2º grau e um participante com 2º grau incompleto.

A faixa etária dos participantes compreende: sete compreendem a idade de 18 a 25 anos. Três dos participantes compreendem a idade entre 25 a 30 anos. Também sete participantes estão entre 30 e 40 anos e três se situam entre 40 a 55 anos.

Quanto a renda familiar, doze dos participantes recebem até 01 salário mínimo e cinco recebem até 02 salários mínimos. Um participante recebe até 04 salários mínimos, e apenas dois participantes recebem mais de 04 salários mínimos.

Com relação a moradia, dez participantes possuem casa própria, um participante possui casa alugada. Seis participantes residem em casa cedida e dois residem em área verde e um dos participantes constitui-se como morador de rua.

Perguntamos aos participantes também com relação ao período de conhecimento da contaminação. Três dos participantes revelam que tem conhecimento da sua sorologia no tempo entre 06 meses a 01 ano. Quatro dos participantes entre 01 ano a 02 anos; Seis dos participantes entre 02 a 03 anos; Dois dos participantes entre 03 a 04 anos e cinco dos participantes possuem conhecimento da sua sorologia há mais de 04 anos.

Com relação ao tempo de tratamento que os participantes se vinculam: Dois dos participantes estão há 03 anos em tratamento; Um há 02 meses; Dois há 02 anos, Tres há 05 anos; Tres há 04 anos. O que chama a atenção, é o fato de que quatro do total de participantes não aderiram ao tratamento.

Com relação ao vínculo que possuem com as instituições de apoio, percebe-se que a maioria dos participantes possuem vínculo com mais de uma referencia institucional. Onze dos participantes estão vinculados a Ong Reação; Um participante está vinculado ao Hospital de Canoas; um participante vincula-se a ONG VHIVA+; o que se repete com o Hospital Dia e o CTA. Por outro lado, dezenove dos participantes estão vinculados ao SAE - Serviço de Atendimento Especializado.

REDES NO CONTEXTO DA AIDS

Conceber a rede enquanto um sistema aberto é pensá-la na direção da aprendizagem que potencializa as relações estabelecidas. Por mais que rede expresse um sentido de complexidade

de relacionamentos sociais, ela sempre está expressando os níveis de relacionamentos que pos- sam e/ou que estão sendo estabelecidos. Neste sentido, utiliza-se da conceituação de Friend & Spink (1997, p.3) que expressam:

"na essência, redes sociais são conjuntos de conexões entre indivíduos que cruzam as fronteiras de várias categorias, tais como grupos, famílias e organizações – dentro das quais esses indivíduos são geralmente observados."

Em se tratando ainda da conceituação de redes, o Grupo E.I.E.M (1998, p.36) conceitua rede social primária da seguinte forma:

"São conjuntos de pessoas que se conhecem entre si, unidas por vínculos de família, amizade, vizinhança, trabalho, estudo e lazer. Configuram uma totalidade em que seus membros estão unidos por relações de natureza afetiva – positiva ou negativa, mais do que por seu caráter funcional"

De acordo com este grupo de estudo, as redes sociais secundárias são *"conjuntos sociais instituídos normativamente, estruturados de forma precisa para desenvolver uma série de missões e funções específicas (escola, empresa, comércio, hospital, etc."* (Grupo E.I.E.M., 1998, p.36). É comum confundir o sentido de rede com teia. Rede, então, é a instância instituída, ao passo que a teia social é o fio - relação que conecta-se à mesma, construída pela condição humana de acordo com as suas necessidades. Assim, a rede existe independente das teias de uma necessidade individualizada. Mas a teia estabelecida pode contribuir na potencialização da rede e vice-versa.

Na construção ou na efetivação da rede social, seja esta primária ou secundária, existem elementos significativamente importantes que

precisam ser considerados, sem os quais, não haveria possibilidade de existência. Constituído-se em um termo figurado, na prática, uma rede é feita de linhas, pontos, conexões. Na rede social, as pessoas ocupam o espaço vazio, os fios são as teias que se estabelecem, os pontos são as conexões e os vínculos que se firmam. As conexões seriam os contatos que as pessoas fazem com os outros, sejam na família, na escola, no grupo de amigos, no trabalho, na Igreja ou em outras instâncias. Sendo o elemento humano um dos elementos de maior importância nestas conexões sociais, pretende-se discorrer sobre a importância da condição humana na rede.

A condição humana de estar com o outro significa que o ser humano move-se em direção ao relacionamento com o mundo que o rodeia, em que busca recursos que necessita, não só para a subsistência, mas também para o seu desenvolvimento. Passando da concepção abstrata do significado humano à concepção concreta, a participação social é tão essencial quanto tudo aquilo que o homem pensa, sente e faz com relação a seus sucessos e fracassos e que gira em torno de três pontos: *“estar-com-o-outro, receber-do-outro-o-que-dele-se-espere e fazer-alguma-coisa-pelo-outro”* (Rúdio, 1991, p.26).

Rúdio diz que *“estar-com-o-outro”* rompe todo um significado de isolamento e de conflitos, o que na linguagem da rede social passaria a efetivar-se como o valor da vida humana:

“Quando o outro me acolhe, mostrando que a minha presença lhe agrada e que o torna feliz, gera em mim o sentimento de que eu sou um valor, um bem, que vale a pena eu ser eu mesmo. Confirma, portanto, que é bom eu ser quem eu sou.” (Rúdio, 1991, p. 26)

A concepção que Rúdio traz sobre a vida humana efetiva-se na potencialização das relações. Uma rede só pode ser potencializada na medida em que as próprias conexões “injetam” elementos de potencialização, o que se expressa na interação social das pessoas, do amar, do sentir-se bem, da passagem da solidão à convivência, da carência para as expressões de afetividade, entre outros elementos.

Relacionando as teias e redes ao contexto da AIDS, percebe-se que existe uma particularidade no resgate e na promoção da vida quando confronta-se esta perspectiva com uma realidade em que:

“Mais do que uma doença, a AIDS configura-se como um fenômeno social de amplas proporções, impactando princípios morais, religiosos e éticos, procedimentos de saúde pública e de comportamento privado, questões relativas à sexualidade, ao uso de drogas e à moralidade conjugal, isto para ficar nas problemáticas mais evidentes” (Seffner, 1998, p. 53).

Uma vez que esta doença configura-se no plano social como um fenômeno impactante na vida das pessoas, as relações sociais tomam a mesma proporção de doença. Não se trata de simplesmente convivência social, mas sim de relações que adoecem na medida em que, à própria doença da AIDS estão vinculadas a representação do excesso da promiscuidade ou a contravenção de drogas, prostituição entre outros. Assim, a AIDS assume um caráter ligado ao desvio e ao desviante.

Na busca da identificação das teias e redes sociais que promovam a vida, é muito importante ter-se presente a concepção de

que as mesmas devem ser resgatadas num confronto direto entre a vida da pessoa com HIV/AIDS e com o real vivido do seu cotidiano. O desejo, ou seja, a proposta que permeia esta construção e desconstrução é balizada pelo processo de fortalecimento e emancipação com relação ao envolvido.

Neste sentido, pode-se perceber que na vida das pessoas que participaram deste estudo, mostra-se de forma evidente que, quando há um resgate das teias que se conectam às redes sociais em sua forma mais concreta, há também o resgate do sentido de vida.

Quando se refere às teias e redes que potencializam a vida dos participantes deste estudo, percebe-se que os significados que os mesmos incorporam através das instâncias que lhes são significativas, são também os significados que sustentam as próprias teias e redes. O grande mérito do surgimento das ONGs e dos Serviços Especializados, é que estas passam a representar para as pessoas soropositivas doentes de AIDS, o sentimento de pertencimento, de troca de informações, bem como de articulação política, e de uma passagem do processo de exclusão para a inclusão social no que concerne aos direitos sociais.

Uma vez que as ONGs e Serviços Especializados possibilitam uma política de inclusão social a partir de serviços que oferecem, pode-se dizer também que estas contribuem na construção das teias e redes sociais, porque permitem um avanço no reconhecimento de que a pessoa com AIDS, pela sua natureza humana, necessita de uma dimensão social igualitária permeada pela justiça social. Assim, uma rede social sempre deve ser pensada na sua *incompletude*, mesmo que a sua *completude* seja

necessária. A *incompletude* da rede social permite um movimento de renovação nas relações, pois se o ser humano pode ser caracterizado como incompleto, as relações também o são, requisitando sempre possibilidades de novas teias.

A existência de uma rede social potencializada pode ser interpretada como uma condição básica de qualidade de vida e de realização plena no que diz respeito à condição humana de ser. A rede social não se apresenta como a "condição salvadora" do humano em suas relações, nem tampouco da sociedade. Mas a sua efetividade apresenta-se como um indicador de dimensão social que garante, tanto ao humano quanto à sociedade, a garantia de sociabilidade e de organização social.

CONCLUSÕES

Na medida em que as teias se mostram fortalecidas e suas respectivas redes representam um suporte para as pessoas que vivem com AIDS, percebe-se que a reconfiguração da vida, no seu sentido subjetivo e social, cria um sustento vinculado ao próprio sentido das teias e das redes de apoio. Por outro lado, na medida em que as teias são restritas e a rede limitada, o sentido de vida se torna mais circunscrito, dando margem à concepção da AIDS associada à morte, seja esta social ou física.

A principal possibilidade da ONG potencializar a rede social da pessoa com AIDS é através da multiplicidade de serviços que ela presta dentro de sua proposta. A pessoa com AIDS, ao vincular-se a uma determinada Organização Não Governamental ou projeto social pode estar sendo beneficiada

pelos serviços que esta disponibiliza: serviços de orientação, aconselhamento, encaminhamentos, serviços médicos, serviços de assistentes sociais, psicólogos, jurídicos e outros que permitem a potencialização de sua rede social.

BIBLIOGRAFIA

AMORIN, Elisiane . **Material elaborado para fins didáticos**. Canoas: SAE – Serviço de Assistência Especializada, 2001.

BELOQUI, Jorge. A polaridade vida-morte e a AIDS. In: PAIVA, Vera. **Em tempos de AIDS**. São Paulo: Summus, 1992.

BLANK, Renold J. **Viver sem o temor da morte**. São Paulo: Paulinas, 1984.

COMISSÃO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS. **Relatório Azul**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1996.

CORETH, Emerich. **Questões fundamentais da Hermenêutica**. Tradução Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Universitária, 1973.

CRESS. **Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais**.1993.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Estratégias em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1997.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Súmula n.80**. Rio de Janeiro, abr. 2001.

GUARESCHI; JOVCHELOVITCH. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

KERN, Francisco A. **Mediações em redes como estratégia metodológica do Serviço**

Social. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

<http://www.AIDS.gov.br/assitencia/politica.AIDS.brasil>.

<http://wwwvivacazuza.org.br/durban>

LEWGOY, Alzira Maria Batista. **A anatomia da liberdade**. 1990. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **O Serviço Social e as demandas da contemporaneidade**. Porto Alegre: Faculdade de Serviço Social, PUCRS, 1999. Palestra.

MARTINELLI, Maria Lucia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. Um instigante desafio. In: SEMINÁRIO SOBRE METODOLOGIAS QUALITATIVAS DE PESQUISA, 1994, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PUCSP-NEPI, 1994.

PAULILLO, Maria Angela. **Aids: os sentidos do risco**. São Paulo: Veras, 1999.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS**. Sociologia de uma epidemia. Tradução Paula Rosas. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

PORTO ALEGRE (RS) Prefeitura. **AIDS em Revista**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Saúde, 2001.

ROSENTHAL, Elisabeth. Governo da China falha no combate a AIDS. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 ago. 2000. Texto traduzido do The New York Times.

RUBIO, Alfonso Delgado. **96 respostas sobre AIDS**. Tradução Vera Lúcia do Amaral. São Paulo: Scipione, 2000.

RUDIO, Franz Victor. **A compreensão humana e a ajuda ao outro**. São Paulo: Cortez, 1998.

SEFFNER, Fernando. O conceito de vulnerabilidade: uma ferramenta útil em seu consultório. **Stomatos**,

Canoas, n.7, p.53-58, jul./dez. 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.